

PAUL STRATHERN

NIETZSCHE

.....

em 90 minutos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



FILÓSOFOS

em 90 minutos

.....

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúcio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos
Sócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

NIETZSCHE
(1844-1900)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:

Maria Helena Geordane

Consultoria:

Danilo Marcondes

Professor-titular do

Deptº de Filosofia, PUC-Rio



SUMÁRIO

.....

Introdução e
raízes de suas ideias

Vida e obra

Principais conceitos
filosóficos

Posfácio

Citações-chave

Cronologia de datas significativas
da filosofia

SOBRE O AUTOR

.....

PAUL STRATHERN nasceu em Londres em 1940, tendo estudado física, química e matemática no Trinity College, Dublin, antes de se dedicar à filosofia. Escritor profissional, é autor de romances, biografias e livros de história e de viagens. Como professor universitário, ensinou matemática, filosofia e poesia italiana moderna. A série “Filósofos em 90 minutos” já se encontra publicada com êxito em seis países.

INTRODUÇÃO E RAÍZES DE SUAS IDEIAS

.....

No início da era cristã, a filosofia adormeceu. Seus cochilos acabaram por produzir o sonho filosófico conhecido como escolástica, que tinha por base Aristóteles e os ensinamentos da Igreja.

A filosofia foi rudemente despertada desses devaneios medievais no século XVII pela chegada de Descartes, com a sua declaração *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo). Uma era de esclarecimento havia começado: o conhecimento baseava-se na razão. Mas Descartes despertou mais do que os sonolentos eruditos. Também acordou os britânicos, que logo responderam à sua asserção racional, insistindo em que nosso conhecimento não se baseia na razão, mas na experiência. No seu entusiasmo, os empiristas britânicos logo destruíram todo traço de razão – reduzindo a filosofia a uma série de sensações cada vez menores. A filosofia corria o risco de adormecer mais uma vez. Foi então que, em meados do século XVIII, Kant despertou de seu sono dogmático e formulou um sistema filosófico ainda maior do que o que condenara a filosofia à inércia durante a Idade Média. Parecia que a filosofia estava prestes a de novo emular Rip van Winkle.¹ Hegel reagiu a essa situação soporífera construindo para si mesmo um enorme leito sistemático de quatro colunas. Schopenhauer decidiu tentar outro método e jogou um jato da fria filosofia oriental no leito kantiano. Isso provocou o despertar do jovem Nietzsche, que se lançou na rajada fria e passou a proclamar uma ruidosa filosofia, que manteria a humanidade acordada por muito tempo.

¹ Figura do folclore norte-americano, do início do século XIX, representante do típico *yankee* preguiçoso. Depois de passar vários anos dormindo, acorda e se depara com um mundo totalmente modificado. (N.E.)

VIDA E OBRA

.....

Com Nietzsche a filosofia passou a ser novamente perigosa, dessa vez com uma diferença. Nos séculos anteriores a filosofia fora perigosa para os filósofos; com Nietzsche, torna-se perigosa para todos. Nietzsche terminou louco, o que começou a transparecer no tom de seus últimos escritos. Suas ideias perigosas, porém, começaram a surgir muito antes de ele enlouquecer e nada têm a ver com insanidade mental clínica. Elas eram o presságio de uma loucura coletiva que teria terríveis consequências na Europa durante a primeira metade do século XX e que agora mostra sintomas nefastos de recidiva nos Bálcãs e na Europa oriental.

As melhores ideias filosóficas de Nietzsche mal são dignas desse nome – esteja ele falando do super-homem, do eterno retorno (a ideia de que vivemos várias vidas através da eternidade) ou do único objetivo da civilização (produzir “grandes homens”, como Goethe, Napoleão e ele próprio). A utilização que ele faz da vontade de potência como uma explicação universal é ou simplista ou sem sentido – até mesmo o monismo de Freud é mais sutil e o conceito menos específico de Schopenhauer sobre a vontade universal é mais convincente. Como qualquer boa teoria artilosa, a insinuante doutrina da vontade de potência contém o habitual elemento de paranoia. Mas o verdadeiro *filosofar* de Nietzsche é tão brilhante, persuasivo e incisivo quanto qualquer outro antes ou depois dele. Quando se lê Nietzsche, tem-se a sensação embriagadora de que a filosofia de fato tem importância (uma das razões por que ele é tão perigoso). A utilização da vontade de potência como mero instrumento analítico possibilitou-lhe a descoberta de elementos constitutivos das motivações humanas de que poucos tinham suspeitado antes. Isso permitiu-lhe desmascarar valores oriundos dessas motivações e traçar seu desenvolvimento sobre um quadro histórico amplo, iluminando os próprios alicerces da nossa civilização e da nossa cultura.

Embora Nietzsche não seja totalmente isento de culpa pelos perigosos disparates proferidos em seu nome, deve-se frisar que a maior parte deles não passa de conceitos travestidos do que ele de fato escreveu. Ele nada sentia além de desprezo pelos profascistas de seu tempo, os antisemitas o repugnavam e a ideia de uma nação de alemães de raça pura como raça superior teria decerto exercitado ao máximo seu senso de humor. Tivesse ele vivido (e mantido sua sanidade mental) até a década de trinta, quando estaria apenas na casa dos oitenta, Nietzsche não teria certamente permanecido em silêncio a respeito dos grotescos acontecimentos que se desenrolavam em seu país – como fizeram alguns filósofos alemães da época, que se proclamavam seus sucessores.

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 na Saxônia, então província do cada vez mais poderoso império da Prússia. Nietzsche descendia de longa linhagem de comerciantes, inclusive chapeleiros e açougueiros, mas seu pai e seu avô eram ambos pastores luteranos. Seu pai era um prussiano patriota que tinha o rei, Frederico Guilherme IV, em alta estima. Quando o primeiro filho de Ludwig Nietzsche nasceu, no dia do aniversário do rei, era óbvio que viria a se chamar Friedrich. Por coincidência extrema e sem sentido, os três morreriam loucos.

O primeiro a partir foi Ludwig, falecido em 1849. O diagnóstico foi “amolecimento do cérebro” – e a autópsia aparentemente revelava que um quarto de seu cérebro fora afetado pelo “amolecimento”. Esse diagnóstico saiu de moda entre os profissionais médicos, porém renomados biógrafos de Nietzsche estão convencidos de que a insanidade de Ludwig Nietzsche não foi herdada pelo filho.

Nietzsche foi educado em Naumburg numa casa cheia de “mulheres santas” – que incluíam a mãe, uma irmã mais nova, uma avó materna e duas tias solteiras ligeiramente perturbadas. Isso parece ter influenciado a atitude de Nietzsche em relação a mulheres mais velhas que se enquadrassem na mesma categoria de suas tias solteiras. Aos treze anos foi para um internato na vizinha Pforta – um estabelecimento de prestígio, equivalente à melhor escola pública inglesa da época, onde recebeu boa educação aliada às barbaridades costumeiras. Nietzsche, produto genuíno de uma criação beata e mimada, tornou-se conhecido como “pastorzinho” e teve excelente desempenho. Mas era tão brilhante que não conseguiu evitar pensar por si mesmo. Por volta dos dezoito anos começou a colocar em dúvida sua fé. O pensador de visão clara não podia deixar de notar que começava a se sentir deslocado no mundo em que vivia. Como de hábito, essa reflexão parece ter ocorrido em total isolamento. O pensamento de Nietzsche, por toda a sua vida, seria influenciado por poucas pessoas vivas (e não muitos mortos).

Aos dezenove anos foi para a Universidade de Bonn para estudar teologia e filologia clássica, com o objetivo de se tornar pastor. Seu destino havia sido traçado muito antes pelas “santas mulheres”; mas ele já experimentava um desejo inconsciente de rebelião, a que se seguiu uma transformação de seu caráter. Ao chegar à universidade, o aluno solitário inesperadamente tornou-se um típico estudante gregário. Aderiu a uma congregação influente, passou a sair para beber com outros rapazes e, à maneira verdadeiramente teutônica, chegou a bater-se em duelo, na forma habitualmente artificial, interrompido tão logo recebeu a cicatriz da honra – um ligeiro corte no nariz, mais tarde infelizmente ocultado pela armação dos óculos.

Era apenas uma fase obrigatória. Nesse momento, Nietzsche decidira que “Deus está morto”. (Essa observação, hoje tão estreitamente associada a Nietzsche e à sua filosofia, também fora feita por Hegel cerca de vinte anos antes do nascimento de Nietzsche.) Em casa, nas férias, recusou-se a receber a comunhão e anunciou que não seguiria os passos do pai tornando-se pastor. No ano seguinte decidiu transferir-se para a Universidade de Leipzig, onde iria desistir da teologia e concentrar-se em filologia clássica.

Nietzsche chegou a Leipzig em outubro de 1865, no mesmo mês em que completava seu vigésimo primeiro aniversário. Ocorreram então dois fatos que transformariam sua vida. Numa viagem de turismo a Colônia, visitou um bordel, inadvertidamente segundo confessou. Na chegada, pediu a um carregador que o levasse a um restaurante, mas o carregador levou-o a um bordel. Como o próprio Nietzsche relatou mais tarde a um amigo: “De repente me encontrei cercado por meia dúzia de visões vestidas em lantejoulas e gaze, olhando-me fixamente e cheias de expectativa. Por um instante, fiquei sem fala. Depois me dirigi instintivamente para a única coisa que naquele lugar tinha alma: o piano. Toquei alguns acordes, que me livraram de minha paralisia, e fugi.”

Infelizmente, só temos o depoimento de Nietzsche a respeito desse episódio improvável. Se a visita foi ou não tão acidental ou se ele terminou acariciando apenas as teclas do piano ou não, é impossível dizer. A essa altura ele era, quase sem sombra de dúvida, virgem. Era um jovem extremamente impetuoso, tanto quanto inexperiente e *gauche* no que dizia respeito a assuntos mundanos. (Embora isso não o tenha impedido de fazer pronunciamentos a esse respeito. Apesar de sua condição sexual, informou compenetradamente a um amigo que necessitava de três mulheres para satisfazê-lo.) A despeito de tudo isso, tendo a crer na versão de Nietzsche sobre o incidente em Colônia.

Em reflexão posterior, porém, Nietzsche deve ter decidido que fora atraído por algo mais que o piano. Voltou ao bordel e quase com certeza visitou alguns estabelecimentos semelhantes quando retornou a Leipzig. Não muito tempo depois, descobriu que estava infectado. O médico que o tratou não lhe teria dito que tinha sífilis (não o faziam naquela época porque era incurável, assim como hoje mentem com arrogância em relação ao câncer). Ainda assim, em consequência desse incidente, Nietzsche parece ter-se em geral abstinido de atividades sexuais com mulheres. Mesmo assim, continuou ao longo de sua vida a fazer observações autorreveladoras e embaraçosas sobre elas em sua filosofia. “Vai ver uma mulher? Não esqueça de levar o chicote.”

O segundo incidente determinante em sua vida aconteceu quando ele entrou num sebo e se deparou com um exemplar de *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer. “Tomei o livro estranho em minhas mãos e comecei a folhear as páginas. Não sei que demônio sussurrou ao meu ouvido: ‘Leve esse livro para casa.’ Assim, quebrando meu princípio de jamais comprar um livro precipitadamente, levei-o. Ao chegar em casa, atirei-me no canto do sofá com meu novo tesouro e comecei a deixar que aquele gênio dinâmico e melancólico trabalhasse minha mente ... Descobri-me olhando para um espelho que refletia o mundo, a vida e minha própria natureza com aterradora grandeza ... aqui eu vi doença e saúde, exílio e refúgio, Inferno e Paraíso.”

Em consequência desses assombrosos sentimentos proféticos, Nietzsche tornou-se um schopenhaueriano. Nessa ocasião, quando não tinha nada em que acreditar, necessitava do pessimismo e do distanciamento de Schopenhauer, que sustentava ser o mundo mera representação, amparado por uma vontade maléfica que a tudo perpassa. Essa vontade é cega e não atenta para as preocupações da humanidade comum, infligindo a seus membros uma vida de sofrimento, enquanto lutam contra sua manifestação em torno deles (o mundo). A única conduta sensata que nos resta consiste em diminuir o poder da vontade dentro de nós mediante uma vida de renúncia e ascetismo.

O pessimismo de Schopenhauer não se adequava totalmente à natureza de Nietzsche, mas ele reconheceu de imediato sua honestidade e sua força. A partir de então, suas ideias positivas teriam de ser primeiro fortes o bastante para ir além desse pessimismo. Mas, acima de tudo, o conceito de Schopenhauer sobre o papel fundamental desempenhado pela vontade se mostraria decisivo e se transformaria finalmente na vontade de potência de Nietzsche.

Em 1867 Nietzsche foi convocado para um ano de serviço no exército prussiano. As autoridades foram obviamente iludidas pelo enorme e feroz bigode militar que Nietzsche passara a cultivar sob a decepcionante cicatriz provocada pelo duelo, e ele foi enviado para a

cavalaria. Foi um erro. Nietzsche tinha grande determinação, mas um físico lamentavelmente frágil. Sofreu sério acidente enquanto cavalgava e continuou sobre o cavalo como se nada tivesse acontecido, na melhor tradição prussiana. Quando o soldado Nietzsche voltou à caserna, teve de ser hospitalizado por um mês. Foi promovido a cabo por bravura e mandado de volta para casa.

De volta à Universidade de Leipzig, foi então reconhecido por seu professor como o melhor aluno que tivera em quarenta anos. Contudo, Nietzsche começava a perder o encanto pela filologia e sua “indiferença em relação aos verdadeiros e prementes problemas da vida”. Não sabia o que fazer. Desesperado, pensou em estudar química ou ir para Paris por um ano para experimentar “o divino canã e o o veneno amarelo, o absinto”. Até que um dia conseguiu ser apresentado ao compositor Richard Wagner, que se encontrava em visita secreta à cidade. (Wagner fora expulso por atividades revolucionárias vinte anos antes; e o banimento persistia, apesar da transformação de suas posições políticas extremistas da esquerda para a direita.)

Wagner nascera no mesmo ano do pai de Nietzsche e, segundo os registros da época, guardava com ele impressionante semelhança. Nietzsche tinha grande – mas amplamente inconsciente – necessidade da figura paterna. Jamais conhecera antes um artista famoso nem alguém cujas ideias fossem aparentemente tão semelhantes às suas. Durante seu breve encontro, Nietzsche descobriu o profundo amor de Wagner por Schopenhauer. Wagner, lisonjeado pelas atenções do jovem e brilhante filósofo, devolveu-lhe a cortesia com o máximo de seu notável charme. O efeito sobre Nietzsche foi imediato e profundo: Nietzsche foi sufocado pelo grande compositor, cujo caráter exuberante era pelo menos igual ao de suas exuberantes óperas.

Dois meses mais tarde ofereceram a Nietzsche o cargo de professor de filologia na Universidade de Basileia, na Suíça. Ele tinha então apenas vinte e quatro anos e ainda não obtivera o doutorado. Apesar de suas dúvidas em relação à filologia, era uma oferta que não podia recusar. Em abril de 1869 tomou posse do cargo em Basileia e imediatamente começou a dar aulas extras na área de filosofia. Desejava combinar filosofia e filologia, o estudo de estética e dos clássicos – moldando nada menos que um instrumento de análise dos erros da nossa civilização. Rapidamente firmou-se como o jovem astro em ascensão da universidade e estabeleceu relações com Jacob Burckhardt, o grande historiador da cultura que também fazia parte do quadro acadêmico da universidade. Burckhardt, o primeiro a elaborar o conceito histórico de Renascimento, era o único espírito do mesmo calibre de Nietzsche no corpo docente, e talvez a única figura que Nietzsche continuaria a reverenciar até o fim de sua vida. É possível que Burckhardt tivesse, nessa etapa crucial, exercido forte influência sobre Nietzsche, mas sua reserva aristocrática impedia que isso acontecesse. E, além disso, o papel da figura paterna já fora ocupado – por uma influência longe de ser forte.

Em Basileia, Nietzsche estava a apenas trinta quilômetros de Tribschen, onde Wagner estabelecera residência com Cosima, filha de Liszt (nessa época ainda casada com um amigo mútuo de Liszt e Wagner, o regente von Bülow). Imediatamente Nietzsche tornou-se, nos fins de semana, visita regular na suntuosa villa de Wagner, às margens do lago Lucerna. Mas a vida do compositor era operística não apenas em termos musicais, emocionais e políticos. Ele era um homem que acreditava em viver ao máximo suas fantasias. Tribschen era ela própria

como uma ópera, e não havia jamais qualquer dúvida a respeito de quem desempenhava o papel principal. Vestido “ao estilo flamengo” (mistura do Holandês Voador com Rubens em roupas extravagantes), Wagner caminhava a passos largos entre paredes em cetim cor-de-rosa com querubins rococó, em calças de cetim negro até os joelhos, boina escocesa e gravata de seda com nó escandaloso – declamando em meio a bustos de si próprio, imensas pinturas a óleo (com o mesmo tema) e salvas de prata comemorativas de encenações de suas óperas. Pairava incenso no ar e apenas à música do maestro era permitido competir com ele. Enquanto isso, Cosima colaborava na encenação do companheiro, certificando-se de que ninguém escapava carregando os perfumados cordeiros de estimação, os enormes cães de caça engalanados ou as aves ornamentais que perambulavam pelo jardim.

É difícil entender como Nietzsche se deixou levar por tudo isso. Na realidade, é difícil entender que alguém se deixe levar por isso. (As extravagâncias de Wagner o deixavam constantemente arruinado e ele confiava no apoio de uma série de benfeitores ricos, inclusive o rei Ludwig da Baviera, que fez enormes contribuições com dinheiro do erário público.) Somente quando se ouve a música de Wagner se pode conceber a profunda persuasão e a sedução fatal de seu caráter. O próprio Wagner era evidentemente tão excessivo quanto suas fascinantes composições. O imaturo Nietzsche logo se deixou enfeitiçar por essa atmosfera vertiginosa, onde os leitmotifs de fantasia inconsciente flutuavam pelos salões em estilo rococó. Wagner pode ter sido uma figura paterna – mas Nietzsche logo descobriu que sentia um desejo edipiano por Cosima, sem ousar declarar (nem a si próprio) que se apaixonara por ela.

Em julho de 1870, eclodiu a guerra franco-prussiana. Era a chance de a Prússia vingar-se da derrota imposta por Napoleão, conquistar os franceses e firmar a Alemanha como a maior potência da Europa. Cheio de fervor patriótico, Nietzsche se apresentou como enfermeiro voluntário. Passando por Frankfurt a caminho da linha de frente, viu as tropas da cavalaria ressoando os cascos pelas ruas em pleno esplendor. Foi como se uma venda caísse de seus olhos. “Senti pela primeira vez que a mais forte e mais elevada vontade de viver não se encontra na luta pela vida, mas numa vontade de potência, numa vontade de guerra e dominação.” Nascera a vontade de potência e, embora ainda fosse passar por modificações consideráveis, até ser vista mais em termos psicológicos e sociais do que militares, jamais se livraria totalmente de sua inspiração militar inicial.

Nesse ínterim, Bismarck esmagou os franceses e Nietzsche começou a descobrir que a guerra não era feita apenas de glória. No campo de batalha em Wörth, viu-se no meio de restos humanos “salpicados por todos os lados, exalando um penetrante cheiro pútrido de cadáveres”. Mais tarde, foi colocado num vagão de gado para conduzir seis feridos numa viagem que durou mais de dois dias. Entrincheirado entre ossos quebrados, carne gangrenada e soldados moribundos, Nietzsche, de forma varonil, fez o melhor que pôde – mas na chegada a Karlsruhe ele próprio era um homem destruído. Foi levado para o hospital com desintéria e difteria.

Apesar dessa traumática experiência, em dois meses Nietzsche estava de volta a Basileia, lecionando. Continuou a se sobrecarregar com aulas de filosofia, assim como de filologia, e começou a escrever *O nascimento da tragédia*.

Essa brilhante e originalíssima análise da cultura grega coloca em contraste o claro elemento apolíneo de sobriedade clássica e as forças dionisíacas, mais sombrias e instintivas. Segundo Nietzsche, a grande arte da tragédia grega resultou da fusão desses dois elementos, sendo finalmente destruída pelo racionalismo superficial de Sócrates. Foi a primeira vez que se enfatizou o elemento sombrio da cultura grega, e sua caracterização por Nietzsche como fundamental provocou grande controvérsia. No século XIX o mundo clássico era sagrado. Seus ideais de justiça, cultura e democracia favoreciam a imagem que a classe média emergente fazia de si mesma. Ninguém queria ouvir que havia sido um grande erro.

Ainda mais controverso foi o uso frequente de Wagner e sua “música do futuro”, por parte de Nietzsche, para ilustrar seus argumentos filosóficos. De fato, escreveu a seu editor: “O verdadeiro objetivo [deste livro] é iluminar Richard Wagner, esse extraordinário enigma de nosso tempo, em sua relação com a tragédia grega.” Somente Wagner conseguia harmonizar os elementos apolíneo e dionisíaco à maneira da tragédia grega.

Essa ênfase no elemento dionisíaco pleno de potência se firmaria como parte essencial da última filosofia de Nietzsche. Ele já não podia tolerar a “negação budista da vontade”, pregada por Schopenhauer. Ao invés disso, opôs o elemento dionisíaco aos elementos cristãos, que considerava terem enfraquecido a civilização. Ele compreendeu que a maioria de nossos impulsos tem dois lados. Mesmo os assim chamados melhores impulsos têm seu lado sombrio ou degenerado: “Todo ideal pressupõe amor e ódio, reverência e desprezo. O impulso essencial pode surgir tanto do lado positivo quanto do negativo.” Em sua opinião, o cristianismo começara pelo lado negativo, firmando-se no Império Romano como a religião dos oprimidos e dos escravos. Isso em geral se manifestou em sua atitude com relação à vida. Tentou constantemente superar nossos instintos positivos mais poderosos. Essa negação era tanto consciente (na união do ascetismo com a autonegação) quanto inconsciente (com relação à humildade, que ele via como uma expressão inconsciente de ressentimento, uma inversão da agressão por parte dos fracos).

Da mesma forma, Nietzsche atacou a repressão dos verdadeiros sentimentos e a sublimação do desejo implícitos no cristianismo – em prol de uma ética mais forte e mais próxima das origens instintivas de nossos sentimentos. Deus estava morto, a era cristã terminara. No que exibiu de pior, o século XX provou que estava certo. No que teve de melhor, mostrou que muitos dos melhores elementos “cristãos” não dependem da crença em Deus. Se continuamos ou não a viver mais coerentes com nossos sentimentos básicos, ainda é discutível.

Wagner era um artista supremo, mas não estava preparado para reflexões filosóficas dessa dimensão. Pouco a pouco Nietzsche começou a enxergar o que se escondia por trás da máscara intelectual do compositor. Wagner era um ego ambulante, de grande porte e força intuitiva – mas mesmo seu amor por Schopenhauer era passageiro, apenas mais água para o seu próprio moinho. Antes Nietzsche procurara ignorar determinados elementos mais sórdidos do caráter de Wagner, como seu antissemitismo, sua exagerada arrogância e sua relutância em reconhecer a capacidade ou as necessidades de qualquer pessoa que não fosse ele próprio. Mas havia limites. Por essa época Wagner tinha-se mudado para Bayreuth, onde o rei Ludwig da Baviera construía para ele um teatro, que seria destinado exclusivamente à encenação de

suas óperas (projeto que contribuiria para a falência das finanças da Baviera e para a deposição de Ludwig). Em 1876 Nietzsche chegou a Bayreuth para a récita de abertura do ciclo dos *Anéis* de Wagner, mas adoeceu, quase com certeza de causas psicossomáticas. A megalomania e a célere decadência da arte haviam se tornado demasiado para o discípulo favorito do maestro e Nietzsche teve de partir.

Dois anos mais tarde Nietzsche publicou a coletânea de aforismos *Humano, demasiado humano*, o que consumou sua ruptura com Wagner. O elogio da arte francesa, a acuidade psicológica e o esvaziamento das pretensões românticas, além da aguda percepção, foram excessivos para Wagner. E, para culminar, a obra não continha nenhuma referência elogiosa à “música do futuro”.

Talvez ainda mais importante, essa obra também conseguiu afastar alguns dos mais genuínos admiradores filosóficos de Nietzsche. Ironicamente, a causa disso foi a razão pela qual ele é hoje admirado em todo o universo (mesmo por aqueles que abominam sua filosofia). Nessa obra, Nietzsche começou a desenvolver o estilo que lhe permitiu tornar-se um mestre na língua alemã. (Não se trata de tarefa pequena com um idioma como o alemão – que derrotou até mesmo alguns de seus mais conceituados escritores.) O estilo de Nietzsche fora sempre claro e combativo, suas ideias condensadas, mas ainda assim imediatamente compreensíveis. Decidiu, no entanto, começar a escrever sob a forma de aforismos. Ao invés de usar argumentos longos e tortuosos, preferiu apresentar suas ideias numa série de intuições penetrantes, passando rapidamente de um tópico a outro.

Nietzsche filosofava movimentando-se de várias maneiras. Suas melhores ideias ocorreram enquanto fazia longas caminhadas pelas regiões campestres da Suíça. Frequentemente afirmava ter caminhado por mais de três horas, a despeito de sua saúde frágil. (Embora isso pudesse muito bem ser antes uma projeção da vontade de potência que manifestação real dela.) Chegou-se mesmo a dizer que o estilo aforismático de Nietzsche era consequência de seu hábito de fazer pausas para anotar seus pensamentos enquanto caminhava. Seja qual for a causa, esse hábito aforismático de Nietzsche resultaria em estilo sem paralelo por toda a Europa durante o século XIX. Eis uma pretensão ponderável (embora Nietzsche certamente concordasse com ela). O século XIX foi um período de grandes estilistas. Mas, exceção feita ao *enfant terrible* Rimbaud, nenhum outro escritor pressentiu a revolução linguística que estava por vir. Revolução de teor mais que de estilo. Na prosa de Nietzsche pode-se ouvir a voz próxima do século XX: ou seja, a *língua* do futuro.

Mas tudo isso não aconteceu de repente. Quando Nietzsche escreveu *Humano, demasiado humano* ele apenas começava a encontrar sua voz. Mesmo suas ideias ainda tinham, em muitos casos, de encontrar sua marca. Essa obra é rica em *aperçus* psicológicos. “O fantasista nega a realidade para si mesmo, o mentiroso só o faz para outros.” “A mãe do excesso não é a alegria, mas a falta dela.” “Todos os poetas e escritores enamorados do superlativo desejam fazer mais do que podem.” “Um dito espirituoso é um epigrama sobre a morte de um sentimento.” Mas, no final, tudo se torna excessivo. Seus admiradores achavam que o que ele fazia não era filosofia e estavam certos. Tratava-se de psicologia, e de tal qualidade que algumas décadas mais tarde Freud decidiu não continuar a ler Nietzsche – receando descobrir não houvesse mais nada a dizer sobre o assunto. Mas a mistura de aforismos e psicologia não

constrói uma obra extensa e coerente. Por trás dos *aperçus* psicológicos havia uma linha de argumentação muito tênue conectando os aforismos, o que fez com que sua obra fosse classificada como assistemática. A obra de Nietzsche jamais perderia esse rótulo – o que é injusto. Por seu estilo aforismático, ela pode parecer assistemática, mas suas ideias são tão coerentes e tão bem fundamentadas quanto as que se encontram confinadas dentro de qualquer dos grandes sistemas filosóficos.

No entanto, é óbvio que ele *era* assistemático. A filosofia de Nietzsche antecipava o fim de todos os sistemas. Ou deveria tê-lo feito – mas há sempre alguém querendo tentar. (Precisamente nessa época Karl Marx trabalhava com afinco no Museu Britânico – a apenas algumas cadeiras de onde me sento agora.)

A despeito dessas falhas, *Humano, demasiado humano* marca o despontar de Nietzsche como o melhor psicólogo de seu tempo – enorme façanha, caso se considere sua inexperiência social. Nietzsche era em essência um pássaro solitário. No sentido em geral aceito, ele mal conhecia alguém. Não tinha amigos verdadeiros. Por toda a sua vida manteve poucos admiradores próximos, mas sua auto-obsessão o impedia de dedicar-se ao dar e receber que caracterizam a verdadeira amizade. Como adquiriu então conhecimento psicológico tão profundo? Muitos comentadores opinam que sua fonte nessa esfera foi apenas um homem – Richard Wagner, o que é bem possível, uma vez que nele havia rica concentração de enigmas psicológicos a serem decifrados. Embora esses mesmos comentadores tendam a menosprezar o fato de que Nietzsche também se conhecia muito bem (ainda que de forma intermitente e às vezes um pouco seletiva).

As introspecções psicológicas de Nietzsche são de aplicação universal, apesar de suas origens ecléticas – um filósofo misantropo e um compositor megalomaniaco. No entanto, o acesso de Nietzsche à sua principal fonte psicológica estava chegando ao fim. Após a publicação de *Humano, demasiado humano*, a ruptura com Wagner tornara-se inevitável. O mundo para o qual Nietzsche se preparava com essa obra era o Admirável Mundo Novo do futuro – um mundo no qual Bem e Mal não existiam mais sob qualquer forma de transcendência, um mundo sem valores absolutos ou sanções divinas. Partindo para o ataque, Nietzsche expusera as motivações subconscientes do cristianismo, a “moral de escravo” que tentava emascular a vontade de potência. Wagner, nesse meio tempo, estava engajado em seu último trabalho, *Parsifal*, que marcou o fim de seu envolvimento com Schopenhauer e seu retorno ao abrigo do cristianismo. Seus caminhos se bifurcaram para sempre.

Em 1879 Nietzsche foi obrigado a demitir-se de seu cargo em Basileia em virtude de enfermidades contínuas. Por anos sua saúde fora frágil e, nesse momento, era um homem muito doente. Concederam-lhe pequena pensão e aconselharam-no a fixar residência em local de clima mais ameno.

Nos dez anos seguintes, perambulou pela Itália, pelo sul da França e pela Suíça, sempre procurando um clima que aliviasse seu mal-estar. O que havia de errado com ele? Quase tudo, aparentemente. Sua visão definhara a tal ponto que estava meio cego (o médico o aconselhara a deixar de ler, o que para ele equivalia a deixar de respirar). Sofria de violentas dores de cabeça que o incapacitavam, confinando-o ao leito por dias, e em geral era um poço de indisposições físicas e reclamações. A coleção de medicamentos, elixires, pílulas, tônicos, pós e poções que mantinha sobre a mesa colocam-no em posição única, mesmo entre os

grandes filósofos hipocondríacos. E no entanto esse foi o homem que concebeu a ideia de super-homem. O elemento de compensação psicológica presente nessa ideia não deve afastá-la do lugar central que ocupa entre outras ideias suas mais aceitáveis.

O super-homem fez sua aparição em *Assim falou Zaratustra*, longo poema “ditirâmico”, de gravidade e exacerbação quase insuportáveis, cuja extrema falta de humor não é amenizada pelas tentativas de “ironia” e “leveza” de chumbo do autor. Como Dostoievski e Hesse, não é legível senão para os adolescentes – embora a experiência de tal obra nessa idade com frequência possa “mudar sua vida”. E nem sempre para pior. As ideias tolas são facilmente identificáveis e o restante é um antídoto que desafia muitas noções aceitas, exigindo de cada um reflexão profunda e solitária. A filosofia, como tal, é quase negligenciável. Mas as exortações à filosofia – pensar por si mesmo – são poderosas, tanto quanto as caracterizações de nossa condição. “Existe ainda algo como em cima e em baixo? Não estaremos à deriva através do nada infinito? ... Não estará a noite com certeza sempre mais profunda se fechando em torno de nós? Não necessitaremos lanternas pela manhã? Estamos ainda surdos ao rumor dos coveiros cavando o túmulo de Deus? Não sentimos o mau cheiro da putrefação divina? ... A coisa mais santa e poderosa do mundo sangrou até a morte sob as nossas fâças ... Proeza maior jamais foi realizada e, graças a ela, qualquer um que venha depois de nós viverá uma história maior que qualquer outra vivida antes.” Quase um século depois, os existencialistas franceses começaram a expressar esses pensamentos – em termos menos bombásticos – e foram saudados como a vanguarda do pensamento moderno.

Em suas intermináveis viagens por spas e balneários de clima ameno, Nietzsche foi apresentado por seu admirador Paul Rée a uma mulher russa de vinte e um anos chamada Lou Salomé. Rée e Nietzsche (separadamente e juntos) costumavam levá-la para longos passeios e tentavam encher a cabeça de Lou com suas ideias sobre filosofia. (*Zaratustra* foi apresentado a Lou como “o filho que nunca terei” – o que foi muito auspicioso para o jovem *Zaratustra*, não apenas pela atenção que seu nome pudesse ter atraído no recreio da escola.) Lou, Nietzsche e Rée envolveram-se então num esquema triangular inconcebível para uma época em que ninguém tinha um pingão de *savoir-faire* quanto a sexo. De início os três declararam que todos estudariam filosofia e viveriam juntos num *ménage à trois* platônico. Depois, Rée e Nietzsche (separadamente) declararam-se apaixonados por Lou e decidiram propor-lhe casamento. Infelizmente, Nietzsche cometeu o ridículo erro de pedir a Rée que transmitisse a proposta a Lou em seu nome. (Isso não invalida a reivindicação de Nietzsche de ter sido o maior psicólogo de seu tempo.) A melhor demonstração sobre quem estava de fato no controle dessa situação é oferecida por uma fotografia dos três, tirada num estúdio em Lucerna. Os dois virgens emocionais (com trinta e oito e trinta e três anos) estão atrelados a uma carroça, na qual se senta a verdadeira virgem de vinte e um anos, brandindo um chicote.

Finalmente, os três acharam-se incapazes de sustentar a grande farsa por mais tempo e se separaram. Nietzsche ficou tão desvairado que escreveu: “Esta noite tomarei ópio suficiente para enlouquecer.” Mas por fim decidiu que Lou não merecia ser a mãe ou a irmã do jovem *Zaratustra*. (Lou chegou a ser uma das mulheres mais notáveis de sua época. Após incorporar o sobrenome Andreas-Salomé de seu marido de estimação (um professor alemão), exerceria profunda influência sobre duas outras figuras de destaque naquele momento: mantendo um

caso com o grande poeta lírico alemão Rilke e desenvolvendo amizade íntima com o já idoso Freud.)

Após hibernar em Nice, Turim, Roma ou Menton, Nietzsche passava os verões “a 1.500 metros acima do mundo e mais acima ainda dos seres humanos” em Sils Maria, uma aldeia à beira de um lago no Engadine suíço. Hoje, Sils Maria é um pequeno e elegante balneário (a apenas doze quilômetros da estrada para Saint-Moritz), mas ainda se pode ver o quarto simples onde Nietzsche costumava ficar e instalar seu baú de remédios. Ali as montanhas se levantam íngremes das margens do lago em direção ao maciço Bernina, de 4.000 metros de altitude, coberto de neve, que marca a fronteira com a Itália. Atrás da casa, pode-se enveredar pelas trilhas remotas subindo a encosta da montanha, por onde Nietzsche costumava caminhar e refletir sobre sua filosofia, fazendo pausas para anotar suas conclusões em seus cadernos ao lado de um solitário rochedo escarpado ou uma corrente espumante. Parte da atmosfera dessa região – os picos remotos, as vistas ondulantes, o sentido de grandeza isolada – penetra o tom de seus escritos. Quando se vê onde Nietzsche desenvolveu grande parte de suas reflexões, alguns de seus pecados e virtudes tornam-se mais compreensíveis.

Na maior parte do tempo, Nietzsche levava uma vida de extremo isolamento, alugando quartos baratos, trabalhando sem parar e comendo em restaurantes de preços módicos – ao mesmo tempo que medicava, da melhor maneira possível, suas alucinantes dores de cabeça e as doenças que o debilitavam. Não era incomum que passasse noites inteiras com ânsia de vômito e se sentisse inválido por três ou quatro dias da semana. Além disso, esse estado de coisas rapidamente se tornou permanente. No entanto, a cada ano produzia um livro de admirável qualidade. Obras como *Aurora*, *A gaia ciência* e *Além do bem e do mal* contêm críticas soberbas da civilização ocidental, de seus valores e sua psicologia, bem como de seus dilemas. Seu estilo permanece claro e expressa um mínimo de ideias incoerentes. Pode não ter sido filosofia sistemática, mas era com certeza um filosofar do mais alto nível. Muitos (na realidade, a maioria) dos valores fundamentais do homem e da civilização ocidentais foram testados e considerados deficientes. Conforme ele mesmo manifestou em suas anotações inéditas: “O cristianismo chega ao fim – destruído por sua própria moralidade (que não pode ser substituída), uma moralidade que acaba por se ver obrigada a negar até mesmo a existência do seu próprio Deus. O senso de veracidade, desenvolvido ao máximo pelo cristianismo, deixa-se contaminar pelas falsidades e pela desonestidade de todas as interpretações cristãs do mundo e da história. Salta de ‘Deus é a verdade’ para ‘Tudo é falso’.” Nunca houve melhor trabalho de demolição – embora boa parte do trabalho de demolição puramente filosófica já tivesse sido feito havia mais de um século por Hume. (Mas era necessário fazê-lo mais uma vez por conta do ressurgimento dos sistemas metafísicos alemães.)

Durante a década de 1880, Nietzsche continuou a trabalhar solitariamente, desconhecido e não lido, pressionando-se de maneira cada vez mais cruel à medida que considerava sua solidão extrema e sua falta de reconhecimento cada vez mais insuportáveis. Em 1888, o erudito judeu dinamarquês George Brandes começou a fazer palestras sobre a filosofia de Nietzsche na Universidade de Copenhague. Infelizmente, já era tarde. Em 1888 concluiu nada menos que quatro livros, e a loucura começou a aparecer. Ele era um grande espírito e sabia disso: era imperativo que o mundo o soubesse também. Em *Ecce homo* ele descreve *Assim*

falou Zarathustra como “o mais elevado e mais profundo livro existente” – declaração que chega aos limites dos altímetros críticos, assim como da ingenuidade. Como se isso não bastasse, seguem-se capítulos intitulados “Por que sou tão sábio”, “Por que escrevo tão bons livros” e “Por que sou um Destino”, nos quais dá conselhos a respeito do álcool, endossa o cacau sem gordura e elogia seus hábitos intestinais. O estilo bombástico e a autoabsorção de Zarathustra reapareciam com uma vingança – a mania.

Em janeiro de 1889 chegou o fim. Teve um desmaio enquanto caminhava pela rua em Turim e, em lágrimas, lançou os braços ao redor do pescoço de um cavalo que acabara de ser chicoteado pelo condutor de uma carruagem. Nietzsche foi levado a seu quarto, onde escreveu cartões postais para Cosima Wagner (“Eu te amo, Ariadne”), para o rei da Itália (“Meu querido Umberto ... estou mandando fuzilar todos os antissemitas”) e para Jacob Burckhardt (assinando “Dioniso”). Burckhardt entendeu o que acontecia e passou o cartão a um dos admiradores mais próximos de Nietzsche, que foi imediatamente recolhê-lo.

Nietzsche estava então clinicamente louco e jamais se recuperaria. Quase com certeza sua doença teria sido incurável mesmo hoje. Foi provocada por excesso de trabalho, solidão e sofrimento – mas a causa principal foi sífilis, já em estágio terciário, que aparentemente acarreta “paralisia mental”. Após curto período em um asilo, Nietzsche foi liberado e entregue aos cuidados da mãe. Era inofensivo agora, boa parte do tempo em estado catatônico, que o reduzia à condição quase vegetal. Em seus momentos mais lúcidos, parecia ter vaga ideia de sua vida passada. Quando lhe davam um livro, observava: “Não escrevi eu também bons livros?”

Após a morte da mãe, em 1897, foi cuidado por sua irmã Elizabeth Förster-Nietzsche. Era a última pessoa que deveria ter sido encarregada dessa tarefa. Irmã mais nova de Nietzsche, Elizabeth era casada com Bernard Förster, professor fracassado que se tornara notório antissemita. Nietzsche o desprezava tanto como homem quanto por suas ideias. Förster tinha organizado uma colônia da raça ariana chamada Nueva Germania, no Paraguai, utilizando pequenos fazendeiros pobres da Saxônia. (Os remanescentes da Nueva Germania ainda existem no Paraguai, onde a “raça superior” vive hoje em geral nas mesmas condições dos índios locais, virtualmente sem distinção, exceto pelos cabelos louros.) Ao voltar à Alemanha para cuidar do irmão louco, Elizabeth decidiu transformá-lo numa grande figura. Levou-o para Weimar, por conta de suas elevadas associações culturais com Goethe e Schiller, a fim de organizar um arquivo Nietzsche. Em seguida, começou a adulterar as anotações inéditas do irmão, inserindo nelas ideias antissemitas e observações elogiosas sobre si própria. Essas anotações foram publicadas com o título de *Vontade de potência*, texto desde então depurado de todo esse lixo pelo grande especialista nietzschiano Walter Kaufmann, para chegar ao que é incontestavelmente a maior obra de Nietzsche.

Ele começa por declarar a condição da era vindoura: “O ceticismo acerca da moralidade é decisivo. O fim da interpretação moral do mundo, não mais sancionada depois de ter tentado escapar para além do limite metafísico, conduz ao niilismo. ‘Tudo carece de sentido’ (a impossibilidade de defesa da interpretação ‘cristã’ do mundo, na qual se investiu enorme parcela de energia, desperta a suspeita de que *todas* as interpretações do mundo são falsas).” Isso parece tornar a filosofia como um todo supérflua, mas Nietzsche continua, agora de

maneira divertida: “Todo o aparato do conhecimento é um aparato de abstração e simplificação – direcionado não ao conhecimento, mas à posse das coisas: ‘fim’ e ‘meios’ estão tão distantes de sua natureza essencial como estão os ‘conceitos’.” Prossegue definindo nosso conhecimento: “Todos os nossos órgãos do conhecimento e nossos sentidos são desenvolvidos tão-somente como meios de preservação e crescimento. A confiança na razão e em suas categorias, na dialética, a valorização da lógica, portanto, somente comprova sua utilidade para a vida, comprovada pela experiência – *não* que alguma coisa seja verdadeira.”

Suas observações psicológicas permanecem perspicazes como sempre, só que agora conduzem de *aperçus* a intuições fundamentais (e perigosas). “O *prazer* surge quando há o sentimento de potência. A *felicidade* repousa na consciência triunfante de potência e vitória. O *progresso* se baseia no fortalecimento da espécie, na aptidão para o uso enérgico da vontade. Todo o resto é um perigoso mal-entendido.”

Nietzsche finalmente chegou ao século XX, cuja natureza ele previra tão bem. Pequena e patética figura pálida com enorme bigode militar, com pouca ou nenhuma ideia de quem era ou de onde estava, terminou morrendo a 25 de agosto de 1900. Nesse momento, suas obras começavam a conquistar a aclamação que aguardara por toda a sua vida, e sua fama rapidamente se difundiu.

PRINCIPAIS CONCEITOS FILOSÓFICOS

.....

A filosofia de Nietzsche foi escrita principalmente sob a forma de aforismos, e não é metódica. Sua *atitude* permanece, em geral, coerente, mas seu pensamento se desenvolve constantemente em diferentes direções. Isso significa que ele parece se contradizer ou se abrir a interpretações conflitantes. Sua filosofia é feita de intuições penetrantes e não constitui um sistema. No entanto, certas palavras e conceitos são bastante recorrentes em sua obra e neles se percebem os elementos de um sistema.

A vontade de potência

Este é o principal conceito da filosofia de Nietzsche. Ele o desenvolveu a partir de duas fontes principais: Schopenhauer e os gregos antigos. Schopenhauer adotara a ideia oriental de que o universo era guiado por uma grande força cega. Nietzsche reconheceu a força dessa ideia e a adaptou a termos humanos. Em seus estudos sobre os gregos antigos, descobriu que a força condutora de sua civilização era antes a busca de poder que de algo útil ou de benefício imediato.

Nietzsche concluiu que a humanidade era impelida por uma vontade de potência. O impulso básico de todos os nossos atos poderiam ser rastreados a partir dessa fonte única. Com frequência esse impulso se transformava em relação à sua expressão inicial, chegava a se perverter, mas estava sempre presente. O cristianismo *surgiu* para pregar exatamente o oposto, com as ideias de humildade, amor fraterno e compaixão. Mas, na realidade, não passava de uma perversão sutil da vontade de potência. O cristianismo era uma religião oriunda da escravidão na era romana e jamais perdeu sua mentalidade de escravo. Essa era a vontade de potência dos escravos, ao invés da mais legítima vontade de potência dos poderosos.

A vontade de potência de Nietzsche provou ser ferramenta de grande utilidade para ele quando começou a analisar a motivação humana. Atos que anteriormente pareciam nobres, ou louváveis, revelavam-se agora decadentes ou doentios.

Mas Nietzsche deixou de responder a duas objeções principais. Se a vontade de potência era o único instrumento de medida, como podiam os atos que em aparência não seguiam suas injunções imediatas ser outra coisa que não o mal? E dizer que o santo exercia sua vontade de potência sobre si mesmo era sem dúvida tornar o conceito tão flexível a ponto de convertê-lo em algo quase sem sentido. Em segundo lugar, sua noção da vontade de potência era circular: se a tentativa de Nietzsche de compreender o universo se inspirava na vontade de potência, certamente o conceito de vontade de potência se inspirava na tentativa de Nietzsche de compreender o universo.

Mas a última palavra sobre esse conceito penetrante porém perigoso permaneceria com Nietzsche: “A forma desse desejo de potência se modificou ao longo dos séculos, mas sua

fonte é ainda o mesmo vulcão ... O que antes fazíamos ‘por amor a Deus’ fazemos agora por amor ao dinheiro ... É isso que *no momento* confere a mais elevada sensação de potência.”

O eterno retorno

Segundo Nietzsche, deveríamos agir como se a vida que vivemos continuasse a se repetir para sempre. Cada momento vivido terá de ser revivido repetidas vezes até a eternidade.

Essa é em essência uma fábula de moral metafísica, mas Nietzsche insistiu em tratá-la como se nela acreditasse. Ele a descreveu como sua “fórmula para a grandeza de um ser humano”.

Essa ênfase suprema e incrivelmente romântica sobre a importância do momento pretende ser uma exortação a que vivamos nossas vidas ao máximo. Como ideia poética passageira, tem alguma força. Como ideia filosófica ou moral, é essencialmente superficial. Não resiste à reflexão. O clichê: “Viva a vida ao máximo” pelo menos significa alguma coisa, embora vaga. A ideia do eterno retorno, quando bem examinada, torna-se sem sentido. Temos a lembrança dessas vidas recorrentes? Se tivéssemos, certamente faríamos mudanças. Se não temos, elas são irrelevantes. Mesmo uma imagem *poética* sedutora – e esta o é – deve ser mais substancial se pretende ser considerada mais do que mera poesia e usada como um princípio, como pretendia Nietzsche.

O super-homem

O super-homem de Nietzsche não tinha absolutamente nada a ver com a figura de capa que voa pelos céus das histórias em quadrinhos americanas. Talvez tivesse sido melhor se o herói de Nietzsche tivesse adotado alguns dos valores de seu homônimo das revistas. Clark Kent pelo menos tinha uma moral ingênua, que tentava impor num mundo rude e veloz, de bandidos e mocinhos. O super-homem de Nietzsche não tinha afinidade com assuntos constrangedores como moral. Sua única “moral” era a vontade de potência. No entanto, curiosamente, as descrições de Nietzsche de seu super-homem mostram-no habitando um mundo tão repleto de simplicidade ingênua como qualquer outro das histórias em quadrinhos.

O protótipo do super-homem de Nietzsche era Zarathustra – indivíduo extremamente sério e maçante, cujo comportamento exibía sintomas psicóticos perigosos. Admite-se que a história de Zarathustra foi concebida como parábola, mas parábola de quê? Parábola do *comportamento*. As parábolas que Cristo pregou no Sermão da Montanha parecem infantis e simples – mas, caso se reflita sobre elas, não são nem uma coisa nem outra. São profundas. A parábola de Zarathustra é infantil e simples, e, caso se reflita sobre ela, continua a sê-lo. Apesar disso, sua mensagem tem grande alcance. Nietzsche prega nada menos que a destruição dos valores cristãos: cada indivíduo deve assumir total responsabilidade por suas próprias ações num mundo sem deus. Deve forjar seus próprios valores em plena liberdade. Não existe sanção, divina ou de outra natureza, para seus atos. Nietzsche previu que esta seria a condição

do século XX. Infelizmente, ele também prescreveu a maneira de comportar-nos nessas condições. Os que seguissem suas receitas (as atitudes arcaicas e tediosas de Zarathustra) tornar-se-iam super-homens.

Lamentavelmente, o desenvolvimento do super-homem de Nietzsche superaria a figura da estória em quadrinhos que ele merecia ser. Em *Assim falou Zarathustra*, Nietzsche anuncia (através do seu herói): “O que é o macaco para o homem? Uma figura cômica ou um estorvo. O homem parecerá o mesmo diante do super-homem.” Em outra parte, proclama: “O *objetivo da humanidade* não pode residir em seu fim, mas *em seus espécimes mais elevados*.” Nesse contexto, ele começa por, vaga e tortuosamente, vincular o super-homem a noções como “nobreza” e “sangue”. Contudo, não falava em termos raciais. Em determinado ponto refere-se “ao Programa de Gotha: uma prisão para burros” e em outra ocasião anuncia: “Quando falo de Platão, Pascal, Spinoza e Goethe, sei então que seu sangue circula no meu.” Um grego, um francês, um judeu português e um alemão – todos ancestrais sanguíneos do super-homem, segundo Nietzsche.

POSFÁCIO

.....

Nietzsche sofreu duas mortes. Seu espírito morreu em 1889, seu corpo em 1900. Entre essas datas, sua obra adquiriu vida própria – lançando-o da obscuridade quase total para a eminência intelectual mundial. Nietzsche certamente consideraria isso não mais do que lhe era devido, mas sua fama excederia até mesmo suas próprias fantasias megalomaniacas. Estendeu-se muito além do campo da filosofia – em grande parte pela grande atração que exercia sobre os escritores. A lista de figuras relevantes do século XX influenciadas por Nietzsche inclui Yeats, Strindberg, O’Neill, Shaw, Rilke, Mann, Conrad, Freud e incontáveis figuras menores que se achavam simplesmente sufocadas por suas ideias. Tratava-se de uma filosofia diferente: possuía estilo e lucidez. Na verdade, era uma filosofia que se podia ler. E o fato de ela ser escrita em aforismos significava que também se tinha tempo para lê-la (ou trechos dela).

Esse era o problema. Atualmente muitos leem apenas trechos de Nietzsche. Ideias como “vontade de potência” e “super-homem” tornaram-se lugares-comuns e amplamente mal utilizadas. O super-homem nietzschiano foi logo apropriado pelo *lobby* racista. Os antissemitas, depois os fascistas, começaram a pinçar pequenos trechos da obra de Nietzsche, independentemente do contexto. A imprecisão mesma da filosofia de Nietzsche passou a destruí-la.

A filosofia de Nietzsche foi seriamente desacreditada em consequência de sua grotesca utilização durante a primeira metade do século XIX. Por essa razão é quase impossível falar de muitas de suas ideias da forma que ele pretendeu (principalmente suas ideias sobre o super-homem, sobre “disciplina”, sobre “raça” e outras similares). A liberdade poética de boa parte de seus escritos deixou-as por demais vulneráveis a disfarces medonhos. Felizmente ele também deixou suas observações sobre esses perigosos tópicos abertas ao ridículo, talvez a mais adequada reação da contemporaneidade. No entanto, vale a pena lembrar que Nietzsche formulou suas conclusões sobre o racismo, o antissemitismo e assuntos afins de maneira perfeitamente clara. Como ele próprio observa: “A homogeneização do homem europeu é o maior processo que não pode ser obstruído: dever-se-ia até mesmo acelerá-lo.” Quando os nazistas tentaram cooptá-lo como seu filósofo oficial, e Hitler beijou a mão de Elizabeth Förster-Nietzsche na porta do Arquivo Nietzsche em Weimar, foram os nazistas que penetraram os domínios da loucura maior, não a filosofia de Nietzsche.

CITAÇÕES-CHAVE

.....

Aforismos e frases lapidares

Deus está morto.

Viva perigosamente.

Qual o melhor remédio? – Vitória.

Aurora, 571

Não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos

Além do bem e do mal, 108

A melhor cura para o amor é ainda aquele remédio eterno: amor retribuído.

Aurora, Livro IV, 415

As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.

Humano, demasiado humano,
vol.1, seção 9, 483

Aqueles que compreendem alguma coisa em sua dimensão mais profunda, raramente permanecem fiéis a ela para sempre. Porque expuseram essas profundezas à clara luz do dia; e o que lá se encontra não é em geral agradável de ver.

Humano, demasiado humano,
ibid., 489

Até os mais corajosos raramente têm a coragem para aquilo que realmente sabem.

Crepúsculo dos deuses:
Máximas e Setas, 2.1

Nesse ponto Nietzsche é tão destemido que demonstra não temer nem mesmo ser atingido por seus próprios golpes:

Opiniões públicas, ócio privado.

Filosofar

O que se segue é um exemplo da alta qualidade do filosofar permanente de Nietzsche. Isola nossa noção de verdade e o que ela significa (utilizando no processo um argumento totalmente “verdadeiro”). Chega a algumas intuições originais, algumas especialmente

oportunas em virtude do que fizemos, e continuamos a fazer, a nós mesmos e ao planeta em nome da ciência. As implicações de sua argumentação permanecem tão devastadoras quanto se mostravam então.

O que vem a ser esta vontade absoluta de verdade? Que sabeis vós *a priori* do caráter da existência para poder decidir que a desconfiança absoluta apresenta mais vantagens do que a absoluta confiança? E se ambas são necessárias, uma grande confiança e uma grande desconfiança, onde irá a ciência procurar essa convicção absoluta, essa fé que lhe serve de base e que diz que a verdade importa mais do que qualquer outra coisa, incluindo qualquer outra convicção? Essa convicção de base não se pode formar se o verdadeiro e o não verdadeiro se afirmaram sempre – e é esse o caso! – úteis tanto um como o outro. Portanto, a fé na ciência, essa fé que existe de fato de uma maneira incontestável, só pode ter sua origem num cálculo utilitário; deve ter-se formado, pelo contrário, *apesar* do perigo e da inutilidade da “vontade da verdade”, apesar do perigo e da inutilidade da “verdade de qualquer maneira”, perigo e inutilidade que a vida demonstra sem cessar.

“Querer a verdade” não significa, portanto, “não querer deixar-se enganar”, mas – e não há outra escolha – “não querer enganar os outros nem a si próprio”, *o que nos leva para o domínio moral*. Perguntemo-nos seriamente com efeito: “Por que não queremos enganar?”, sobretudo se parece – é bem esse o caso! – que a vida seja vivida em vista da aparência, quero dizer que tenha como objetivo extraviar, iludir, dissimular, ofuscar, cegar, e se, por outro lado, de fato, ela se mostrou sempre sob a sua melhor face do lado dos menos escrupulosos trapaceiros. Interpretado timidamente, esse desejo de não enganar pode passar por um quixotismo, uma pequena sem-razão de entusiasta; mas é também possível que seja alguma coisa pior: um princípio destruidor, inimigo da vida “Querer o verdadeiro” poderia ser, secretamente, querer a morte. De modo que o porquê da ciência se liga a um problema moral: *por que, de uma maneira geral, qualquer moral*, quando a vida, a natureza, a história são imorais? Mas ter-se-á desde já compreendido onde quero chegar: é numa fé *metafísica* que assenta ainda a nossa fé na ciência; pesquisadores do conhecimento, ímpios inimigos da metafísica, nós próprios, ainda ateamos fogo na fogueira acesa por milenária crença, pela fé cristã, crença que foi também a de Platão, para quem o verdadeiro se identifica com Deus e toda a verdade é divina.

Gaia ciência, livro v, seção 344

Segue-se uma das prescrições mais sóbrias e, em mais de um aspecto, mais reveladoras de Nietzsche para a super-humanidade.

O que nos torna heroicos? — Ir ao mesmo tempo para além da sua maior dor e da sua maior esperança.

Em que tens fé? — Nisto: em que é necessário determinar de novo o peso de todas as coisas.

O que diz a tua consciência? — Deves transformar-te no homem que és.

Onde se encontra o teu maior perigo? — Na piedade.

O que amas nos outros? — As minhas esperanças.

*A quem chamas mau? — Àquele que quer envergonhar sempre.
Que encontras de mais humano? — Poupar a vergonha a alguém.
Qual é a marca da liberdade realizada — Não mais corar de si próprio.*

*A gaia ciência, livro III,
268-75*

Pensar perigosamente

De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que o sangue é espírito.

Quero ter duendes a meu redor, porque sou corajoso. A coragem que afugenta os fantasmas cria seus próprios duendes: a coragem quer rir.

Eu já não sinto do mesmo modo que vós: essa nuvem que vejo debaixo de mim, essa coisa negra e pesada – é, justamente, a vossa nuvem de temporal.

Vós olhais para cima, quando aspirais a elevar-vos. E eu olho para baixo, porque já me elevei.

Quem de vós pode, ao mesmo tempo, rir e sentir-se elevado?

Aquele que sobe ao monte mais alto, esse ri-se de todas as tragédias, falsas ou verdadeiras.

Corajosos, despreocupados, escarninhos, violentos – assim nos quer a sabedoria: ela é mulher e ama somente quem é guerreiro.

*Assim falou Zaratustra, I,
Do ler e escrever*

“O homem é mau” – assim falaram, para meu consolo, todos os sábios. Oxalá isso fosse verdade ainda hoje! Pois o mal é a melhor força do homem.

“O homem deve tornar-se melhor e pior” – isto ensino *eu*. O pior que tudo é necessário para o maior bem do super-homem.

Sofrer e tomar sobre si os pecados do homem talvez fosse bom para aquele pregador do povinho. Eu, porém, me rejubilo com o grande pecado como a minha grande *consolação*.

*Assim falou Zaratustra, V,
Do homem superior, 5*

O super-homem Zaratustra canta as alegrias do ardor solitário e a perspectiva de ser capaz de fazer tudo de novo. (“O anel do retorno” refere-se à doutrina do eterno retorno de Nietzsche, que propõe que nossas vidas se repetem eternamente.) Desnecessário dizer, esse trecho involuntariamente hilariante e autorrevelador foi escrito visando a uma plateia pré-freudiana.

Se algum dia bebi, a largos sorvos, do espumante jarro, rico de especiarias, em que todas as coisas estão bem misturadas –

Se minha mão, algum dia, deitou o mais distante no mais próximo e fogo no espírito e prazer na dor e o que há de mais malvado no que há de mais bondoso –

Se sou eu mesmo um grão daquele sal redentor que faz as coisas, no jarro, misturarem-se bem –

Pois há um sal que liga o bem com o mal; e também o pior dos males é especiaria digna de aromatizar e, por fim, fazer transbordar a espuma –

Oh, como não deveria eu almejar a eternidade e o nupcial anel dos anéis – o anel do retorno?

Nunca encontrei, ainda, a mulher da qual desejaria ter filhos, a não ser esta mulher que amo: pois eu te amo, ó eternidade!

Pois eu te amo, ó eternidade!

*Assim falou Zarathustra, III,
Os sete selos, 4*

Quando desce de regiões (e linguagem) tão grandiosas, Nietzsche demonstra que é capaz dos argumentos mais sucintos e penetrantes.

A “coisa-em-si” é um conceito sem sentido. Se eu remover todas as relações, todas as “propriedades”, todas as “atividades” de alguma coisa, nada resta. A concretude só foi inventada por nós para se adequar às exigências da lógica. Em outras palavras, com o objetivo de definir, de comunicar. (A fim de juntar a multiplicidade das relações, das propriedades, das atividades.)

Vontade de potência, 558

“Verdade”: segundo minha maneira de pensar, não significa necessariamente a antítese do erro, porém nos casos mais fundamentais apenas a postura de vários erros em relação uns com os outros. Talvez um seja mais antigo, mais profundo que outro, inextirpável até, na medida em que a entidade orgânica das nossas espécies não poderia viver sem ele. Outros erros não nos tiranizam dessa forma como condições de vida, mas ao contrário, quando comparados a esses “tiranos”, podem ser isolados e “refutados”.

Uma hipótese irrefutável – por que deveria por essa razão ser “verdadeira”? Essa proposição pode perfeitamente insultar os lógicos, que colocam as *suas* limitações como as limitações das coisas. Mas há muito tempo declarei guerra a esse otimismo dos lógicos.

Vontade de potência, 535

Surpreendentemente, tendo em vista seus ataques ao cristianismo, Nietzsche também afirma:

A continuação do ideal cristão é altamente desejável – mesmo para aqueles ideais que querem se colocar ao lado dele e talvez acima dele – eles precisam de oponentes, oponentes fortes, se pretenderem tornar-se *fortes*.

Vontade de potência, 361

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

.....

- séc. VI* Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
a.C.
- fim do* Morte de Pitágoras.
séc. VI
a.C.
- 399* Sócrates condenado à morte em Atenas.
a.C.
- c.387* Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.
a.C.
- 335* Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
a.C.
- 324* O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
d.C.
- 400* Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia
d.C. cristã.
- 410* Roma é saqueada pelos visigodos.
d.C.
- 529* O fechamento da Academia em Atenas, pelo imperador Justiniano, marca o fim
d.C. da era greco-romana e o início da Idade das Trevas.
- meados* Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da
do séc. escolástica.
XIII
- 1453* Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
- 1492* Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse
pela aprendizagem do grego.
- 1543* Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium* (*Sobre as revoluções
dos orbes celestes*), provando matematicamente que a Terra gira em torno do
Sol.
- 1633* Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.
- 1641* Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.
- 1677* A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética*.
- 1687* Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.
- 1689* Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.
- 1710* Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo
a novos extremos.

- 1716 Morte de Leibniz.
- 1739-40 Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
- 1781 Kant, despertado de seu “sono dogmático” por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.
- 1807 Hegel publica *A fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.
- 1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.
- 1889 Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”, sucumbe à loucura em Turim.
- 1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logicophilosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da filosofia.
- década de 1920 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.
- 1927 Heidegger publica *Sein und Zeit (Ser e tempo)*, anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.
- 1943 Sartre publica *L’être et le néant (O ser e o nada)*, avançando no pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.
- 1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise linguística.

CIENTISTAS

em 90 minutos

.....

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos
Bohr e a teoria quântica em 90 minutos
Crick, Watson e o DNA em 90 minutos
Curie e a radioatividade em 90 minutos
Darwin e a evolução em 90 minutos
Einstein e a relatividade em 90 minutos
Galileu e o sistema solar em 90 minutos
Hawking e os buracos negros em 90 minutos
Newton e a gravidade em 90 minutos
Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos
Pitágoras e seu teorema em 90 minutos
Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Nietzsche in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição inglesa,
publicada em 1996 por Constable,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 1996, Paul Strathern

Copyright da edição brasileira © 1997:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ilustração da capa: Lula

ISBN: 978-85-378-0396-7

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
